

# CONVERGÊNCIAS ENTRE RELIGIOSIDADE E POESIA NA NAVE DE RUBI, DE HORÁCIO DÍDIMO

Cássia Alves da Silva

Mary Nascimento da Silva Leitão

*Poemas são como nuvens*

*De amor e desilusão*

*Que se apascentam no céu*

*E se desmancham no chão*

## Introdução

A *Nave de Rubi* (2006) surge carregada de metapoesia. Originada depois da *Nave de Prata* (1991), a obra simboliza a preciosidade das diversas imagens nela apresentadas. Aludindo, pelo título, à pedra preciosa vermelha, Horácio Dídimo permite ao leitor inferir a presença da vitalidade do amor em cada um de seus poemas. Assim, ao mesmo tempo em que se representam personagens reais, seja da família ou, cada imagem leva-nos a refletir sobre o próprio papel da poesia.

A palavra nave, referindo-se à embarcação de navio ou à espaçonave, convida o leitor a uma viagem. Trata-se de um trajeto com percursos simples e bastante conhecidos, uma passagem por lugares do cotidiano. Podemos identificar, ao mesmo tempo, um deslocamento que ultrapassa os espaços concretos e alcança os abstratos. É a locomoção que se faz do simples ao profundo. É a leitura e a reflexão das imagens do cotidiano que apontam para elementos poéticos complexos.

A *Nave de Rubi* é constituída por quatro partes: I. Exercícios de Admiração; II. Exercícios de Navegação; III. Exercícios de Contemplação; e IV. Um exercício de Admiração, de Navegação e de Contemplação. A última parte compreende apenas um poema, cujo título é o mesmo do livro. Em 1988 e 1989, Horácio Dídimo publicou, respectivamente, *Exercícios de Navegação* e *Exercícios de Admiração*, que agora compõem a mesma obra.

Nota-se, ao longo da referida produção literária, uma série de homenagens a pessoas diversas, desde membros da família, autores de literatura e amigos. Tributo maior e mais significativo encontra-se na última parte do livro. Ao unir exercícios de admiração, navegação e contemplação, Horácio Dídimo concentrou o eixo da publicação em um único poema. “A Nave de Rubi” é uma homenagem aos quarenta anos de casamento do poeta e sua esposa Evendina.

Em “Exercícios de Contemplação” observam-se inúmeras imagens religiosas compondo uma isotopia associada ao cristianismo. Figuras de santas, orações, momentos litúrgicos e simbologias da fé católica penetraram os versos horacianos. Todavia, podemos dizer que a abordagem religiosa também se encontra nas outras partes do livro, mesmo que de modo mais ameno. Serão observadas a união do conteúdo religioso com a própria concepção de poesia encontrada nos textos do poeta cearense e também as remanescências do imaginário cristão medieval.

### **Religiosidade poética em *A Nave de Rubi***

Segundo Octávio Paz, “a experiência poética, como a religiosa, é um salto-mortal: uma mudança de natureza que é também uma volta a nossa natureza original” (PAZ, 2012, p.144). São as duas experiências uma espécie de revelação dos mais íntimos dos nossos sentimentos. A diferença é que a poesia não possui uma autoridade divina. “A imagem se sustenta sozinha, sem necessidade de recorrer à demonstração racional nem à instância de um poder sobrenatural: é a revelação de si mesmo que o homem faz a si mesmo” (PAZ, 2012, p. 144).

O cerne da poesia é a palavra. É por ela e através dela que o poeta se revela. Não nos referimos aqui a conteúdos biográficos – embora esteja clara, na obra em estudo, a relação direta entre texto e autor. Reportamo-nos à palavra poética, ao discurso levado ao leitor pela reflexão construída artisticamente. *Um dos primeiros poemas da A Nave de Rubi, ilustram acertadamente o exposto:*

II

Quem conta um conto

Aumenta um ponto.

Toda palavra

Traz um espanto.

Quem canta um conto

Aumenta o encanto.

Toda palavra

Tem contraponto.

Toda palavra

É musical

E multifária.

Vem com silêncio,

Som e sentido

É trinitária

(DÍDIMO, 2006, p.12).

“A Lira de Orfeu II”, assim como os de número I e III, é um sonetinho, segundo Roberto Pontes, “trabalhado com muita liberdade formal e técnica compositiva apurada” (PONTES, 2006, p.83). Feito em homenagem a Elvira Drummond, certamente por conta da dissertação de mestrado da autora intitulada *A lira de Orfeu nas narrativas tradicionais infantis*, o poema retoma a imagem do mitológico personagem Orfeu para abordar a função da palavra. Este personagem é conhecido por encantar seres humanos e natureza através de seu canto, sempre acompanhado de uma lira. Portanto, seu canto encanta.

Horácio Dídimo, ao mesmo tempo em que homenageia a especialista em Literatura Infantil, autora contemporânea, resgata o antigo personagem do mito clássico. A partir desta imagem ele apresenta uma concepção de poesia. A palavra poética é aquela que expõe uma novidade, um “espanto”. E se a palavra poética é cantada, muito mais que novidade, o encanto provocado é ainda maior. Todavia, não se pode esquecer:

“Toda palavra / Tem contraponto”. Ou seja, para tudo o que se diz há harmonia e polifonia. O sentido pode ser amplo, pode ser duplo, e ainda comprovar que a ideia oposta existe. A palavra pode ser diversa. É por isso que o eu-poético de “A lira de Orfeu II” afirma que toda palavra “Vem com silêncio,/ som e sentido”. A poesia é feita tanto do som, quanto do silêncio, tanto do que se diz, quanto do que ficou por dizer.

De acordo com Octávio Paz, “o objeto numinoso é radicalmente estranho a nós, precisamente por ser inapreensível pela razão humana. Quando queremos expressá-lo não temos outro remédio senão recorrer a imagens e paradoxos” (PAZ, 2012, p.147). Do mesmo modo acontece no processo de criação poética. Contudo, a poesia não tem a necessidade de recorrer a imagens, pois já se constitui delas. Na religião, o símbolo aparece para ser decifrado, compreendido e levado aos fiéis de modo simplificado. Na poesia, a simbologia nasce naturalmente com intuito de suscitar o dúbio. Observemos, como exemplo, a primeira parte do poema “Pelos Mãos da Poesia”:

I

As mãos da poesia  
Nos conduzem às fontes,  
Atravessam rios  
Cruzam novas pontes.

Nas mãos da poesia  
Nos conduzem aos montes:  
Águas cristalinas,  
Novos horizontes  
(DÍDIMO, 2006, p.15).

Nesse trecho, mãos, fontes, rios, pontes, águas cristalinas e horizontes são algumas imagens que contribuem para a compreensão do conceito de poesia. Infere-se que a palavra poética tem o poder de envolver-nos com suas mãos e nos levar pela correnteza das águas. A ideia seria registrar a renovação, a novidade dessa palavra, cujas fontes cristalinas

demonstram a transparência e pureza com que foi criada e deve ser concebida. Destacamos a seguir o conceito de imagem que nos interessa:

Designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que juntas compõem um poema. Essas expressões verbais foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas etc. Quaisquer que sejam as diferenças que as separam, todas elas têm em comum a característica de preservar a pluralidade de significados da palavra sem romper a unidade sintática da frase ou do conjunto de frases (PAZ, 2012, p. 104).

Esse conteúdo imagético também compreende o tema da religiosidade, fazendo com que seja necessário atentar para a representatividade dos símbolos que a envolvem. Ainda no poema “Pelas Mãos da Poesia”, agora direcionando o olhar para o final da segunda parte, encontramos a seguinte estrofe: “As mãos da poesia/ São fachos de luz:/ Menino Jesus” (p.16). A união da concepção de poesia à imagem do Menino Jesus reafirma a pureza e a novidade da palavra poética, que renasce a cada instante em que é lida. As mãos metafóricas da poesia carregam uma imagem representativa no mundo cristão: a luz. Esta significa o próprio Jesus Cristo, como podemos ler em inúmeros versículos da *Bíblia Sagrada*. Exemplo disso está no início do *Evangelho de João* quando o apóstolo Paulo afirma “Ele era a luz verdadeira/ Que ilumina todo homem;/ ele vinha ao mundo./ Ele estava no mundo” (JO, 1:9). A representação da luz se refere ao ser divino que ilumina. Podemos também relacionar a figura do divino, neste caso, com o Verbo que se fez carne, expresso no mesmo Evangelho:

E o Verbo se fez carne,  
E habitou entre nós;  
E nós vimos a sua glória,  
Glória que ele tem junto ao Pai  
Como Filho único,  
Cheio de graça e de verdade  
(JO, 1:14).

No trecho, identificamos a correspondência da poesia com o conteúdo religioso já a partir da forma. Os versos acima reafirmam a chegada de Jesus Cristo ao mundo e enfatizam a Sua significância para a humanidade. A palavra e a divindade se fundem no Verbo. A mesma ideia encontramos no poema “...E o Verbo se Fez Carne”:

E o Verbo que se fez carne  
Veio habitar entre nós  
E o texto que se fez verso  
Louva a Deus com nossa voz.

Jesus, Palavra Encarnada,  
Fruto da Virgem Maria,  
Vem ligar-nos a Deus Pai:  
Paz e pão de cada dia.

Jesus, verdade e certeza,  
É a graça sobre a graça  
Que supera toda a lei.

Nossa Língua Portuguesa  
Louva a Deus que é a Palavra  
Nos versos do Vianney  
(DÍDIMO, 2006, p.22).

O soneto, dedicado a João Vianney Mesquita, autor de um livro com o mesmo título do poema, mais uma vez une religiosidade e palavra poética. As imagens que surgem fazem parte de uma mesma isotopia, ou seja, a da religiosidade cristã. De acordo com Roberto Pontes:

O autor de *Tijolo de Barro* (1968) aproveita o título de Vianey enquanto nos dá excelente exemplo de como trabalhar o tema religioso na poesia, motivado pela excelente realização que Vianey, também cultor da fé e da palavra escrita, conseguiu ao pôr em versos o texto da Bíblia Sagrada (PONTES, 2006, p.83).

Ao tratarmos de religiosidade, podemos dizer que na *Nave de Rubi* os diversos símbolos cristãos direcionam o olhar do leitor para uma crença específica, ou seja, a da Igreja Católica. Assim, muitos são os símbolos e ritos apresentados nos textos de Horácio, fazendo-nos confirmar uma longa tradição religiosa que contribui para a perpetuação desses elementos cristãos na literatura atual. A partir dessa ideia, o foco, agora, recairá sobre uma parte específica da *Nave de Rubi*. Estudaremos os traços da religiosidade medieval cristã que, presentes na religiosidade contemporânea, são instantaneamente propagados no meio literário e cultural.

### **Religiosidade residual em “Exercícios de contemplação”**

Nesse tópico, aborda-se o aspecto religioso, o qual é tomado na obra de Horácio como remanescência do imaginário cristão medieval. Esse aspecto é analisado sob dois vieses: primeiro verifica-se a importância da imagem da Santa Maria e depois o modo como o feminino é tratado na obra a partir dos poemas que trazem como tema principal Nossa Senhora. Nesse momento, dialoga-se com o modo como o cristianismo tratou as mulheres em relação a outras religiões e também com as cantigas de louvor a Santa Maria produzidas no período literário trovadoresco.

Os pontos citados são observados sobretudo a partir da análise da terceira parte da obra *A Nave de Rubi* (Exercícios de contemplação). Os aspectos elucidados são visíveis em todos os 33 poemas dessa parte. No entanto, a análise recai sobre poemas que trazem os dois simultaneamente. São os poemas “*Mater Salvatoris*”, “Nossa Senhora Da Assunção Padroeira da Cidade de Fortaleza”, “Nossa Senhora de Guadalupe Padroeira das Américas”, “Nossa Senhora Aparecida”, “Nossa Senhora Desatadora de Nós” e “Nossa Senhora da Visitação”.

Para compreender as remanescências do imaginário cristão medieval presentes na obra de Horácio Dídimo, faz-se necessário entender o vínculo estabelecido entre o cristianismo e a santidade ou os santos. Segundo Le Goff (2014, p. 53), “a pessoa do santo é própria religião cristã”. Sendo assim, a partir do momento em que o cristianismo começa a se acentuar enquanto religião, o santo passa a ter espaço e a assumir um

lugar de superioridade. Isso acontece justamente na Idade Média e é ainda nesse período que a imagem do santo se redefine: “de alguma forma, no fim do século XII, o papado se reserva a atribuição de qualificar o santo, e a santidade só é obtida depois de um exame em geral longo e minucioso que se chama processo de canonização” (LE GOFF, 2014, p. 55).

Como se vê, a relação entre o homem e o santo adquire importância a partir do advento do cristianismo na Idade Média. Consequentemente, a maioria dos países colonizados por algumas potências econômicas desse período acabaram por ser de maioria cristã e por assimilar muito do cristianismo em sua versão católica. Foi o que aconteceu no Brasil. De modo que a devoção prestada aos santos desde os tempos medievos ainda persiste, como se vê na obra analisada. O santo é a representação do bom e do bem; é também uma espécie de elo entre Deus e os humanos. Quem melhor representa esse elo é Maria, talvez a maior intercessora dos homens para com Deus. É nela que se deterá o estudo a partir de agora.

Horácio Dídimo deixa transparecer bem as remanescências do cristianismo medieval em relação aos santos, visto que apresenta vários poemas relacionados a Nossa Senhora. No poema “Nossa Senhora da Assunção Padroeira da Cidade de Fortaleza”, o poeta evidencia o mérito da Santa:

Invocando o Santo Espírito

Para a perpétua memória

O Santo Padre Pio XII

Definiu o grande dogma:

A sempre Virgem Maria

Mãe de Deus Imaculada

Foi assunta em corpo e alma

À glória celestial.

Que esta declaração  
Encha o nosso coração  
De amor, verdade e beleza,  
  
Nos traga a consolação,  
Aumente em nós a certeza,  
Seja a nossa Fortaleza  
(DÍDIMO, 2006, p. 73)!

No texto, duas autoridades se unem no intuito de empoderar a Santa, são elas: o padre e o poeta. O poeta parafraseia Pio XII, como uma forma de dar mais fundamento à palavra poética, traçando um diálogo entre o aspecto poético e o religioso. Deve-se destacar que o poeta enfatiza a relevância da Nossa Senhora como aquela que pode trazer o bom, o belo e a verdade. Ela representa, portanto, um modelo por isso é a Fortaleza, pois ao olhá-la o indivíduo se sente revigorado e pode enfrentar os desprazeres, transformando-os positivamente.

Entre os poemas citados observa-se a remanescência do cristianismo medieval também na medida em que Nossa Senhora aparece nos poemas como padroeira da cidade de Fortaleza (terra natal do poeta) e padroeira das Américas. Esses lugares fazem parte da vivência do eu poético, o qual, por meio do processo de endoculturação apreendeu o cristianismo católico, deixando isso visível em seus poemas. Isso também diz respeito ao processo de hibridação cultural, pois o Brasil, assim como toda a América, recebe o cristianismo católico dos europeus e aqui concede a ele características próprias mesmo que sua base não seja afetada.

Na obra *Uma longa Idade Média* (2011), Jacques Le Goff apresenta um capítulo sob o título de “O cristianismo libertou as mulheres”. O capítulo é composto de uma entrevista na qual Le Goff apresenta a defesa dessa tese. Ele lembra que Tomás de Aquino, no século XIII disse:

Deus criou Eva a partir de uma costela de Adão, não a criou a partir da cabeça, nem do pé; se a tivesse criado a partir da cabeça, isso significaria que via nela uma criatura superior a Adão; inversamente, se a tivesse criado a partir do pé, ela seria inferior. A costela é no

meio do corpo e este gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva segundo a vontade de Deus (LE GOFF, 2011, p. 122).

O trecho acima é uma paráfrase das palavras de São Tomás de Aquino feita por Le Goff e comprova como o cristianismo concedeu às mulheres certa autonomia e fazem compreender como surgiram textos de exaltação ao feminino dentro do período literário nomeado Trovadorismo em uma Idade Média movida pelos cristãos.

Esse engrandecimento do feminino como remanescência do imaginário cristão em *A nave de rubi* é perceptível desde o título do livro que também nomeia o poema oferecido à esposa do poeta. Nos poemas que fazem referência à Virgem Maria essa exaltação é ainda mais nítida. Os versos apresentam diversas palavras que engrandecem a Santa, como “esplendor”, “amor”, “plenitude da luz”, “padroeira”, “misericórdia”, “bendita”, “querida” (DÍDIMO, 2006, p. 74-78). Tais palavras, dentro do contexto, carregam o sentido de elevação do feminino, visto que Maria é o exemplo supremo de mulher e mãe.

No poema “Nossa Senhora da Visitação”, não apenas Maria, mas outra mulher é engrandecida: Isabel. O poeta faz referência a um momento de grande alegria vivenciado por essas duas mulheres e que pode ser lido na íntegra na *Bíblia*, no capítulo 1 do livro de *Lucas*. A alegria é imensa tanto porque Isabel se enche do Espírito Santo, como também porque ambas estão grávidas. Aqui a imagem da mulher é também exaltada por causa da maternidade, é a veneração da mulher-mãe.

Por fim, ainda tratando do feminino como remanescência medieval cristã, constata-se na obra de Horácio Dídimo resíduos do culto mariano. A devoção a Maria surge no Brasil ainda durante o período colonial quando foi introduzida pelos portugueses. O ritual se faz presente em todos os estados do país e é comum até os dias atuais. O culto à Virgem assume significativas proporções. Parte de identifica o catolicismo brasileiro e o calendário do país. Dídimo mostra com nitidez a devoção prestada à santa no poema “Nossa Senhora Aparecida”:

Ó Nossa Senhora da  
Conceição Aparecida,  
Aparecei nos momentos  
Díficeis de nossa vida!  
(DÍDIMO, 2006, p. 73)

O poeta refere-se à padroeira do Brasil e reconhece a importância dela no que diz respeito à ajuda nos momentos mais penosos da existência. Ao escrever um poema que traz no título e na temática a padroeira do país ao qual pertence o poeta, verifica-se que o eu poético deixa transparecer a relação de hibridação entre Brasil contemporâneo e Europa medieval, além de mostrar o processo de endoculturação pelo qual passou e que o fez reconhecer a Santa Maria Mãe do Salvador como aquela que pode abençoar e aparecer “como a aurora/ Da plenitude da luz e proteger”, “nossas casas”, “nosso país”. (DÍDIMO, 2006, p. 75).

Os resíduos trovadorescos são nítidos no poema “*Mater Salvatoris*”. O período literário denominado Trovadorismo é caracterizado pela grande produção de cantigas líricas (de amor e de amigo), satíricas (de escárnio e de maldizer) e de Santa Maria. Estas são divididas em dois grupos. No primeiro estão as cantigas de milagres que se caracterizam por celebrarem milagres realizados pela Virgem Maria e por contarem algumas histórias que envolvem a Santa relacionada à sua devoção e também a suas atitudes de amor, piedade e interseção (MOISÉS, 1992). No segundo grupo estão as cantigas de louvor, as quais se distinguem por serem canções que louvam a mãe de Jesus.

O poema “*Mater Salvatoris*” é escrito todo em latim. Isso já transporta o leitor para o universo da medievalidade, já que, durante esse período, o latim era a língua usada pelos cristãos católicos nos momentos litúrgicos. O poema pode ser considerado um hino de louvor a Maria, ao mesmo tempo em que caracteriza uma prece através da qual o poeta agradece a Mãe do Salvador.

A Virgem Maria é enaltecida através das expressões “*Regina Pacis*” (rainha da paz), “*Domina Angelorum*” (rainha dos anjos), “*Mater Salvatoris*” (Mãe do Salvador), “*Stella Matutina*” (Estrela D’Alva) e “*Virgo*

*Benedicta*” (Virgem Bendita). Esses termos evidenciam o eu poético exaltando as qualidades da Santa e prestando-lhe sua veneração, ao mesmo tempo em que assume uma postura de humildade diante daquela que é também a mãe e mestra dos poetas. As mesmas características podem ser observadas nas cantigas de louvor, como no exemplo da canção “*Rosa das rosas*”, escrita por D. Afonso X, rei de Castela e Leão entre 1252 e 1284, e um dos grandes trovadores de sua época, além de ser o maior responsável pelas cantigas de Santa Maria. Na cantiga citada, o eu poético também presta devoção à Virgem ao denominá-la de a maior Rosa entre todas as rosas, a maior Flor entre todas as flores, a maior senhora entre todas as senhoras: “*Rosa das rosas et Fror da frores,/ Donna das donnas,/ Senhor das senhores*” (AFONSO X, Apud MALEVAL, 2002, p. 98).

O poema “Nossa Senhora da Visitação” também apresenta resíduos das cantigas de Santa Maria, porém relacionados com as cantigas de milagres. Isso porque o poema trata da manifestação de grande alegria como consequência da entrada de Maria na casa de Isabel. O evento é a representação de boas novas, ou seja, a presença da Virgem Maria na residência de Isabel foi o que proporcionou júbilo e regozijo. Consciente disso, Maria “entoou/ seu hino de louvor/ A Deus que fez maravilhas” (DÍDIMO, 2006, p. 77)! Assim como nas cantigas de milagres, é visível nesse texto a busca do eu poético por mostrar os atos milagrosos de Maria em favor daqueles que reconhecem a sua importância e a buscam como intercessora.

## Considerações Finais

Refletir sobre o aspecto religioso na obra *A nave de rubi*, de Horácio Dídimo, foi chegar à conclusão de que a poesia desnuda e envolve o indivíduo e a sociedade da qual ele faz parte. Além disso, a leitura dos poemas que compõem essa obra horaciana faz compreender ainda melhor as palavras de Octávio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade

poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. Oração, ladainha, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio todos os conflitos objetivos se resolvem e o homem finalmente toma consciência de ser mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar de uma forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da ideia. Loucura, êxtase, logos. Retorno à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todos os rostos mas há quem afirme que não possui nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ, 2012, p. 21).

Desse modo, *A nave de rubi* conduz a um momento epifânico através do qual o elemento poético e o espiritual se unem revelando a grandiosidade da existência humana mesmo diante da pequenez do indivíduo. Através dos poemas da terceira parte da obra, viaja-se no tempo e no espaço, vivenciando momentos sublimes, revendo a importância do passado para o presente, experimentando novas e velhas formas de pensar e sentir o mundo. A união da poesia com as temáticas religiosas evidencia não só a voz do eu poético, mas também a voz do povo do qual ele faz parte, mostrando a importância dessas duas formas de ver o mundo condensadas numa só: a palavra poética.

## Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

DÍDIMO, Horácio. *A Nave de Rubi*. Fortaleza: Imprece, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazzes e a lenda dourada*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Poesia medieval no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2002.

MOISÉS, Massaud (Dir.). *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Atlas, 1992.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Nayfe, 2012.

PONTES, R. *A Nave de Rubi de Horácio Dídimo*. Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, v. 106, n. 61, p. 82-87, 2006.